



Uma perspectiva sobre a cidade de Porto Alegre a partir das crônicas de Jotabê no *Correio do Povo* (1955 – 1959)¹

Cida GOLIN²
Bruna LINHARES³

Resumo:

Este artigo discute a relação entre crônica, jornalismo e cidade a partir do estudo de textos publicados entre 1955 e 1959 pelo jornalista João Bergmann, o Jotabê, na coluna *O domingo é meu*, no jornal *Correio do Povo*, um dos principais veículos do estado do Rio Grande do Sul durante o século XX. O objetivo é entender quais elementos o autor utilizava para construir seu olhar sobre a cidade de Porto Alegre, por meio da análise qualitativa de seis crônicas consideradas representativas de tendências encontradas em um conjunto de 188 textos. A pesquisa sistematiza dados até então inéditos sobre a biografia e trajetória do cronista. Por meio do uso da análise de conteúdo, identificamos que Jotabê olhava a cidade sob o viés da mudança, resultado das intensas transformações urbanas vividas na década de 1950. Constatamos certo tom pessimista nos relatos, que evidenciam os conflitos cotidianos da urbe. Notamos o humor como importante marca expressiva, capaz de atenuar e dar leveza às críticas sistemáticas feitas pelo jornalista.

Palavras-chave: História do Jornalismo. Crônica. Cidade. Jotabê. *Correio do Povo*

A perspective of the city of Porto Alegre through the chronicles of Jotabê in *Correio do Povo* newspaper (1955-1959)

143

Abstract:

This article discusses the relation between chronicles, journalism and the city in texts published between 1955 and 1959 by the journalist Joao Bergmann, known as Jotabê, in his column *O domingo é meu*, printed by *Correio do Povo*, one of the most important newspapers in Rio Grande do Sul during the 20th century. The objective is to understand which elements the author used to built his view over the city of Porto Alegre by means of a qualitative analysis of six representative texts. These were chosen after having analysed 188 chronicles. The research systematizes unpublished data on Jotabê's biography and trajectory. We have identified that he perceived the city from a perspective related to the changes that have occurred as a result of the urban transformations since the 1950s. We have also found a pessimistic tone in the reports, what makes certain conflicts that take place in the urban space more evident. We have noticed that humour plays an important role as an expression resource, capable of making criticism lighter

Keywords: Journalism History. Chronicle. City. Jotabê. *Correio do Povo*.

¹Este artigo é uma versão expandida de *paper* apresentado no GT de História do Jornalismo do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015. A pesquisa, resultante de trabalho monográfico de conclusão do curso de Jornalismo, integra o Núcleo de Estudos em Jornalismo e Publicações Culturais do Laboratório de Edição, Cultura e Design da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e dialoga com vários projetos lá desenvolvidos, especialmente com as pesquisas *Jornalismo e sistema cultural: estudo da representação da cidade no suplemento Cultura de Zero Hora* (2006-2009) e *Jornalismo, memória e cidade: estudo do suplemento Cultura de Zero Hora* (2011-2014).

² Jornalista, doutora em Letras, professora da FABICO-UFRGS nos cursos de Jornalismo e Museologia e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Pesquisadora do CNPq. E-mail: golin.costa@ufrgs.br

³ Jornalista graduada pela FABICO-UFRGS, trabalha na TVE-RS. Foi bolsista de Iniciação Científica no programa BIC-UFRGS. E-mail: brunanatasha91@gmail.com





Una perspectiva sobre la ciudad de Porto Alegre, Brasil, a partir de las crónicas de Jotabê en *Correio do Povo* (1955-1959)

Resumen:

Este texto discute la relación entre crónica, periodismo y ciudad a partir del análisis de textos publicados entre 1955 y 1959 por el periodista João Bergmann, conocido como Jotabê, en la columna *O domingo é meu*, en el periódico *Correio do Povo*, uno de los principales medios del estado de Rio Grande do Sul, Brasil, durante el siglo XX. El objetivo es entender qué elementos el autor utilizaba para construir su mirada sobre la ciudad de Porto Alegre, por medio del análisis cualitativo de seis crónicas consideradas representativas de tendencias encontradas en un conjunto de 188 textos. La investigación sistematiza datos hasta entonces inéditos sobre la biografía y trayectoria del cronista. Por medio del uso del análisis de contenido, identificamos que Jotabê miraba la ciudad bajo el sesgo del cambio, resultado de las intensas transformaciones urbanas vividas en la década de 1950. Constatamos cierto tono pesimista en los relatos, que evidencian los conflictos cotidianos de la urbe. Notamos el humor como importante marca expresiva, capaz de atenuar y dar ligereza a las críticas sistemáticas hechas por el periodista.

Palabras clave: Historia del periodismo. Crónica. Ciudad. Jotabê. *Correio do Povo*.

INTRODUÇÃO

Este artigo parte do vínculo entre jornalismo, gênero cronístico e a cidade para iluminar indícios do legado de João Bergmann, conhecido pelo pseudônimo de Jotabê, na imprensa gaúcha na década de 1950. Apontado como um dos cronistas mais populares no Rio Grande do Sul daquele período, Jotabê, também conhecido como “o cronista de Porto Alegre”, foi praticamente apagado da história da imprensa gaúcha nos anos seguintes. Isso se deve, acreditamos, a sua morte prematura, aos 38 anos, em 1960, e ao número reduzido de iniciativas posteriores que buscaram preservar os seus escritos e recuperar sua trajetória.

Procuramos, neste trabalho monográfico, descobrir os elementos que Jotabê utilizava para construir seu olhar particular sobre Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Paralelamente, realizamos uma sistematização de dados da vida pessoal e profissional de nosso cronista, bem como de sua relação com a imprensa da época e com a capital gaúcha.

Valendo-nos da análise de conteúdo, selecionamos seis crônicas exemplares de tendências detectadas no conjunto de textos publicados semanalmente no *Correio do Povo* entre 1955 e 1959 e que tinham a cidade como elemento importante da narrativa. Destacamos os agentes, os locais, os *ganchos* jornalísticos⁴ presentes em cada texto e que reverberam acontecimentos vividos na época, assim como o posicionamento do cronista-narrador e os recursos humorísticos que utilizava na sua escrita. Com a identificação de tais aspectos, procuramos entender os elementos acionados pelo autor

⁴ Jargão jornalístico utilizado para referir a abordagem principal de uma reportagem, o elemento que enseja sua publicação.



para falar sobre a cidade, assim como a maneira como construía suas crônicas. Ao final, sugerimos qual a perspectiva da cidade apreendida a partir do legado de Jotabê.

Apontamentos sobre jornalismo, cidade e crônica

As relações existentes entre crônica, jornalismo e cidade são antigas e estruturais. Conforme nos apresenta Mogendorff (2013), a partir da revisão de vários autores, o desenvolvimento dos centros urbanos foi de extrema importância para a consolidação do jornalismo como instituição e negócio ao longo do século XIX. A expansão do modo de produção industrial e o consequente movimento migratório dos moradores dos campos em direção às cidades criaram a base para a formação de um público leitor que necessitava de formas de se orientar e de obter informações, função atribuída ao jornal, que se transformou em um “compêndio de dicas para a sobrevivência urbana” (SCHUDSON, 2010, p. 123). O desenvolvimento financeiro das grandes cidades, aliado aos aparatos tecnológicos e ao investimento da publicidade, permitiu ao jornalismo ganhar certa autonomia do poder político, ordem vigente até então, e consolidar-se como negócio (PARK, 1973).

Definida, nas palavras de Robert Park (1973, p. 26), como “um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição”, a cidade torna-se uma rica fonte para a criação dos escritores, que transmitem, ainda que com aparente despreensão, essa complexidade típica da experiência temporal urbana. Assim, o cronista aparece como aquele que irá se dedicar a relatar essa experiência – de aceleração do ritmo de vida, aumento do fluxo de informações e do processo de industrialização – com uma aproximação mais direta dos acontecimentos citadinos.

Desde sua origem, no século XII, até o período moderno, a crônica passou por uma série de alterações conceituais, sempre preservando uma relação com o conceito de tempo (ARRIGUCCI JR., 1987), presente na própria etimologia da palavra, que é oriunda do grego *Chronikós*, relativo ao *chrónos* (tempo). Se nos primórdios a crônica era entendida como um breve relato de acontecimentos em ordem cronológica, estando associada à História, no século XIX, o gênero já havia conquistado certa liberdade estética, o que favorecia o seu distanciamento da tradição histórica e a sua consequente aproximação das minúcias do dia a dia (ARRIGUCCI JR., 1987).

Circunscrita no âmbito do jornal impresso, passou a trazer consigo



características desse suporte, como a prevalência de assuntos da atualidade, “o espírito da edição noticiosa” (MELO, 2003, p. 155), a linguagem despretensiosa, traduzindo uma espécie de conversa fiada “ao rés do chão”, para citar a clássica definição de Antonio Candido (1993). Como aponta Pereira (2004), mais do que um híbrido de literatura e jornalismo, a crônica é, antes, um território livre, no qual coexistem formas de linguagem variadas, como a poesia, o conto, a linguagem cinematográfica ou mesmo jornalística em múltiplas possibilidades de interpretação do cotidiano e das próprias notícias.

Em forma narrativa própria, o cronista transfigura-se no narrador que sai às ruas, olha diretamente em direção aos eventos citadinos mais singelos e os apresenta aos seus leitores. A figura do *flâneur*, surgida em Paris no século XIX, é emblemática nesse sentido, uma vez que esse sujeito fará do ato de perambular e de registrar a urbe sua atividade central por excelência, em uma época em que andar pelas ruas ainda era uma sociabilidade emergente (SANTOS, 2013). A cidade torna-se, assim, o palco e a maior matéria-prima desses narradores-repórteres, que dialogam com os leitores ora como *cúmplice*, ora como um *narrador experiente*. No Rio de Janeiro do início do século XX, João do Rio assume essa postura, não apenas do jornalista que busca a rua e a cidade, mas dos habitantes e leitores como um todo, até então acostumados e reclusos ao espaço fechado e doméstico (SANSEVERINO, 2002). O cronista fala das minúcias do dia a dia com observações pessoais, mas, ao fazê-lo, representa um ser coletivo, com quem o leitor se identifica (SÁ, 1997).

Jotabê, o cronista da cidade

Em âmbito regional, o decênio de 1950 demarca a consolidação do *Correio do Povo*, editado desde 1895 pela Companhia Jornalística Caldas Júnior, como jornal hegemônico do Rio Grande do Sul, a ponto de, no final da década de 1960, a companhia se constituir como a sétima maior do ramo jornalístico no país (RÜDIGER, 2003). Em 1957, a empresa, que também editava o vespertino *Folha da Tarde*, viria a fundar a *Rádio Guaíba*, emissora referencial a partir daquele período.

Foi nesse contexto, de crescente desenvolvimento da companhia de Breno Caldas, que Jotabê construiu sua carreira como jornalista. João de Aragão Bergmann nasceu em Porto Alegre, em 13 de janeiro de 1922; formou-se no curso de Direito em 1945, pela Universidade do Rio Grande do Sul, e no curso de Jornalismo em dezembro





de 1954, pela Pontifícia Universidade Católica, sendo escolhido orador da primeira turma de jornalismo daquela universidade. Ao longo de seus 38 anos, exerceu simultaneamente as duas profissões.

Sua primeira experiência como jornalista foi aos 19 anos, na *Folha da Tarde*, como repórter das editorias de Geral e Nacional. Além do impresso, Bergmann⁵ também se aventurou pelo rádio: foi locutor da *Rádio Difusora Porto-Alegrense* e chegou a integrar o elenco da primeira radionovela do Rio Grande do Sul, na produção *O Solar dos Alvarenga*, escrita por Roberto Lis e que começou a ser transmitida em 28 de março de 1943 (FERRARETTO, 2013).

Pouco antes de tornar-se oficialmente jornalista, Jotabê tornou-se cronista. Em 4 de maio de 1954, passou a escrever para a *Folha da Tarde*, vespertino que primava pela publicação de crônicas e colunas em uma interlocução mais despojada e coloquial com o leitor. A coluna, que saía dias antes, sem nenhuma assinatura, passou a levar, naquela data, seu pseudônimo. Nascia ali a seção diária *De ontem para hoje*, que tornaria o agora então Jotabê conhecido e querido cronista dos porto-alegrenses. Naquele espaço, o cronista versava sobre os mais variados temas, da política ao esporte, sempre com o humor que lhe era característico. Cada parágrafo da seção era iniciado sempre com as expressões “Enquanto isso”, “Quase ao mesmo tempo”, “Em tanto”, “Concomitantemente” e “Entrementes”, que se tornariam jargões populares do jornalista.

O sucesso obtido com *De ontem para hoje* rendeu ao cronista um novo espaço para apresentar seus textos. Assim, em 3 de abril de 1955, ele estreava no jornal mais prestigiado do estado à época, o *Correio do Povo*, a seção semanal *O domingo é meu*. Diferentemente da coluna mantida no vespertino, que trazia textos mais fragmentados, sobre assuntos variados e normalmente vinculados aos acontecimentos do dia, *O domingo é meu* apresentava narrativas mais longas, em geral sobre um único assunto, atemporais e próximas da ficção.

A coluna semanal durou até 3 de maio de 1959, enquanto a diária seguiu até 11 de julho de 1960, dois dias antes da morte do cronista. Naquela data, Jotabê entregou seu último texto e saiu para um período de férias. Embarcaria no dia 14 em uma viagem, mas sofreu um ataque cardíaco enquanto trabalhava em seu escritório na madrugada do dia 13. Aos 38 anos, deixou a esposa Bernardina Bergmann e quatro filhos.

⁵ Ao longo do artigo, o cronista poderá ser referido pelo seu nome de batismo, João de Aragão Bergmann ou pelo pseudônimo de Jotabê, como assinava nos jornais.



No mesmo dia 13, a *Folha da Tarde* trazia na página 6, que recebia diariamente a coluna *De ontem para hoje*, o anúncio da morte e uma recuperação da trajetória profissional do cronista. A relação com a capital gaúcha estava clara já no título da notícia: “A cidade perdeu seu cronista. Morreu João Bergman (Jotabê) [sic]”. O texto reiterava o choque dos colegas de redação com a notícia e descrevia Jotabê como um profissional que tinha forte comprometimento com a escrita diária e com o relato do cotidiano citadino. “O que para o leitor representava alguns momentos de prazer, uma leitura leve e saborosa, significava, para ele, uma ou duas horas de trabalho sério, metuculofo, apurado, de cronista da cidade”, dizia a notícia (A CIDADE..., 13 jul. 1960, p. 6).

Devido ao horário de fechamento, o *Correio do Povo* somente noticiou a morte de Bergmann no dia seguinte, 14 de julho. A notícia, na seção *Necrologia*, reforçava o caráter inesperado da perda e recuperava os principais acontecimentos da vida pessoal e profissional do jornalista, assim como fez a *Folha*. O texto também destacava a importância das duas colunas mantidas por ele nos jornais da Companhia e lembrava o fato de a cidade adotar seus bordões, como o “Concomitantemente” e o “Entrementes”, utilizados nas crônicas. Naquela mesma edição do jornal, também foi noticiada a repercussão na Assembleia Legislativa da morte de Jotabê. Um dos parlamentares, Mariano Bock, citado na notícia como companheiro de Jotabê na faculdade de Direito, chega a definir o colega como “um dos jornalistas mais lidos e mais originais do Rio Grande do Sul” e “um dos primeiros cronistas parlamentares depois da redemocratização do Rio Grande do Sul”, pelo fato de a política ser tema constante em seus escritos (APROVADO..., 14 jul. 1960).

Procedimentos metodológicos

Para entendermos a relação de Jotabê com a cidade de Porto Alegre a partir de suas crônicas, realizamos uma leitura exploratória dos textos de suas duas colunas. Após essa aproximação inicial, optamos por aprofundar nosso estudo tomando como objeto as crônicas publicadas na seção *O domingo é meu* no *Correio do Povo*. Os motivos para a escolha do jornal foram, principalmente, a boa conservação das coleções nos locais de pesquisa, bem como a periodicidade dos textos, que permitia que o colunista se aprofundasse em uma única narrativa semanalmente.

Realizamos a consulta às coleções no Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés



Vellino, no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, no arquivo do *Correio do Povo*, e também utilizamos dois livros que reuniam algumas de suas crônicas⁶. Ao todo, foram consultadas todas as edições de 3 de abril de 1955, data da primeira coluna, a 3 de maio de 1959, quando encontramos o último registro do cronista nas páginas dominicais do jornal, num total de 185 textos publicados no periódico. Além dos jornais, registramos 36 textos no livro *Crônicas de Jotabê* (desses, 26 eram da coluna dominical e dez da coluna diária) e 41 em *Cacareco, o mais votado* (com 32 crônicas retiradas do *Correio do Povo* e nove saídas da *Folha da Tarde*), num total de 77 textos publicados em livro. Dezenove dessas crônicas foram desconsideradas por terem sido publicadas na *Folha da Tarde*, proporcionando-nos, portanto, o registro de 58 crônicas dominicais publicadas nos livros. Destas 58, apenas três não haviam sido localizadas nas pesquisas em jornais, sendo, assim, incluídas no *corpus* final, o que nos proporcionou o registro total de 188 crônicas (185 dos jornais e mais três localizadas nos livros).⁷

Percebemos que o tema da cidade se fez presente em 50 por cento dos textos encontrados em nossas pesquisas. A partir da leitura flutuante desse material, escolhemos seis crônicas que tiveram a cidade como protagonista, sendo tema central da narrativa. Com base na regra da pertinência proposta por Bardin (1977), escolhemos esta amostra que, a nosso ver, fornecem elementos ilustrativos para a leitura do ambiente urbano da época e, dentro da dimensão de um estudo monográfico, representa de forma sistemática características recorrentes do cronista.

Os textos selecionados para a análise datam de 27 de novembro de 1955, 4 de dezembro de 1955, 29 de janeiro de 1956, 17 de junho de 1956 e 1 de janeiro de 1957. O sexto texto foi extraído do livro *Crônicas de Jotabê*. Tal texto não foi localizado entre as edições disponíveis nos museus que visitamos, entretanto, por considerarmos a publicação representativa da produção do cronista e pertinente para o assunto estudado, uma vez que registra parte do cotidiano da cidade, optamos por incluí-la na análise.

Jotabê não costumava intitular nenhuma de suas crônicas. Assim, além da data, utilizaremos como referência a cada um dos textos o seu tema principal. São eles,

⁶ Os dois únicos livros que reúnem crônicas do jornalista são *Crônicas de Jotabê*, publicado em 1964 como homenagem póstuma pelo Instituto Estadual do Livro, e *Cacareco, o mais votado*, lançado em 1985 pela editora Tchê!.

⁷ Não encontramos colunas publicadas nas edições de 29 de julho de 1956; 6 de janeiro, 30 de junho, 6 de outubro e 8 de dezembro de 1957; 9 de janeiro, 2 de fevereiro, 9 de novembro e durante os meses de maio, junho julho e agosto de 1958 (quatro meses em que Jotabê realizou uma viagem à Europa); e em 15 e 22 de fevereiro, 15 de março e 5 de abril de 1959.



respectivamente: 1) A fuga de um macaco para as árvores da Praça da Alfândega, no Centro de Porto Alegre, criando uma multidão no seu entorno; 2) A baixa qualidade dos uniformes dados pela Prefeitura da capital aos servidores municipais; 3) O verão e o esvaziamento de Porto Alegre nesse período do ano; 4) Memórias e recordações do cronista sobre locais e antigos hábitos da cidade e de seus moradores; 5) A expectativa da capital com o Grenal⁸ que ocorreria naquela semana e 6) O caótico trânsito porto-alegrense.

Optamos por estudar esses materiais à luz da metodologia de análise de conteúdo (BARDIN, 1977), pela possibilidade de articulação entre forma e conteúdo, a partir do uso de categorias de análise, e entre o texto e o seu contexto histórico. Tendo em vista as características de nosso objeto e os nossos objetivos de pesquisa, procedemos à criação das categorias para análise individual de cada uma das crônicas. Tomando como base os detalhes de Bardin (1977), optamos por criar categorias de ordens semântica e expressiva.

No primeiro grupo, entraram as categorias temáticas que tratariam da presença da cidade no texto (Locais, Personagens e Ganchos jornalísticos). Buscamos, por meio dessas rubricas, identificar as regiões e os atores que se destacavam no contexto da cidade, na visão do cronista, que, como vimos, assume a função de revelar a urbe e produzir sentidos sobre esse espaço para o seu leitor. Também procuramos, por meio da identificação dos *ganchos* jornalísticos, entender quais eram os acontecimentos em destaque naquele período que motivaram a escrita de Jotabê.

No outro agrupamento, criamos as categorias que apontam para as características expressivas da escrita do cronista (Voz pessoal e Humor). Na primeira delas, examinamos a presença do “eu” de Jotabê no texto, buscando compreender o seu posicionamento diante dos acontecimentos que relata e a sua função no contexto da crônica. Assim, podemos entender um pouco sobre a maneira como o cronista se colocava não apenas em relação a seu leitor, como também em relação à cidade sobre a qual falava. Já na categoria Humor, observamos os recursos humorísticos usados por ele. Analisados à luz de Propp (1992), esses recursos associam-se às definições de *comicidade das diferenças*, *hiperbolização satírica*, *paródia* e *ironia*. Em menor quantidade aparecem também os *trocadilhos* e *jogos de palavras*.

A seguir, descrevemos sinteticamente cada uma das categorias.

⁸ Grenal é o termo utilizado para definir os jogos de futebol disputados entre Grêmio Football Porto-Alegrense e Sport Club Internacional, dois clubes de Porto Alegre/RS.

Locais: o centro como referência geográfica

Na análise, percebemos que Jotabê costumava fazer significativas referências a Porto Alegre, de modo amplo. Essa cidade caracteriza-se especialmente a partir de seus problemas e conflitos e também pelas qualidades atemporais que a definem de modo particular por meio dos hábitos culturais e ritmos (a expectativa pelo Grenal, o calor e o sazonal esvaziamento no verão), como percebemos no texto de janeiro de 1956, cuja descrição da cidade valoriza a sinestesia:

Em Porto Alegre, segundo as estatísticas mais recentes, ainda não se verificou nenhum caso de derretimento e a maior parte dos transeuntes que cruzam as ruas, envergonhados por não terem ido, ainda, para fora, apresentam aquele ar fresco de quem acaba de sair da geladeira, e é servido com desodorante de clorofila e talco Ross (BERGMANN, 29 jan. 1956, p. 25).

Também é perceptível uma dominância do centro de Porto Alegre nos textos, funcionando como metonímia da cidade e local de agitação e transformação. Tal presença da área central dá-se por meio de referência a locais específicos (como a Praça da Alfândega, espaço histórico símbolo daquela região da cidade), bem como de outras referências mais sutis que, analisadas no contexto da publicação, nos direcionam a esta região (como os cinemas e as confeitarias ali concentrados). “Era quinta-feira de tarde, e como já estava começando a ficar muito quente, e a atmosfera, por estas e outras, mostrava-se bastante carregada, a velha Praça da Alfândega virou oásis entre dois pedaços isolados e desertos da Rua da Praia” (BERGMANN, 27 nov. 1955, p. 25), escreve o cronista na abertura do texto sobre o macaco fujão e uma multidão pacífica que o avistava na paineira da praça.

A menção à área central da cidade corrobora o que constatamos por meio de análise contextual da época, que aponta a importância daquele bairro para a Porto Alegre dos anos 1950, década de grande salto populacional e urbanístico⁹. Na década de 1950, a verticalização e o crescimento da zona central garantiram não só um aumento no desenvolvimento comercial da região, como também tornou esses espaços importantes para a socialização da população e para a consolidação de hábitos como o *footing* na Rua da Praia e na Praça da Alfândega, sempre acompanhados das colunas sociais dos jornais. Além disso, o Centro era o *habitat* do cronista. Jotabê residia

⁹ Enquanto em 1950 a população porto-alegrense era de 394.151 habitantes, em 1960 o número já era de 641.173 (SOUZA; MULLER, 2007, p. 32)

próximo à área central, na avenida Goethe, e sempre trabalhou na região, seja nas redações da *Folha da Tarde* e *Correio do Povo* ou na Rádio Difusora Porto-Alegrense.

Personagens: a prevalência dos tipos

Na análise dos personagens, fomos à procura do entendimento sobre os agentes que, na visão do cronista, mereceriam destaque no contexto da cidade. Percebemos que o escritor opta por caracterizar os sujeitos mais por aquilo que vivenciam e experimentam do que por algum elemento individual. Há uma prevalência dos “tipos” e não de indivíduos com características particulares. Nos textos, temos “os pedestres”, “os motoristas”, “os vereadores”, o coletivo. O caso abaixo se passa com “torcedores” de um dos times clássicos da capital gaúcha:

Aí, os colorados precisavam, urgentemente, fazer alguma coisa. Foram lá no Olímpico e “amarraram” todo o team do Grêmio, mediante um despacho completo, com milho pururuca, charutinhos, batatas cozidas, algodão embebido em cachaça, nomes de jogadores escritos em cruz: uma “amarração” daquelas da turma ficar grudada no chão, sem coragem, sequer, de rebater a bola enquanto os vermelhos vão fazendo goals em cima de goals (BERGMANN, 1 dez. 1957, p. 25).

Esses personagens associam-se quase sempre ao caráter transgressor dos acontecimentos sobre os quais o cronista fala, sendo ou causadores ou vítimas das complicações, funcionando quase como um meio de ilustrar e tornar palpáveis as situações apresentadas no texto aos leitores. É o que vemos na crônica de dezembro de 1955 sobre o uniforme dos servidores, que indica dificuldades no custeio do poder público porto-alegrense; e naquela em que motoristas e pedestres enfrentam problemas com o trânsito congestionado da cidade. Em geral, essas situações conflituosas às quais os personagens estão vinculados são associadas à política. Ao mencionar os problemas da cidade, Jotabê faz constantemente referência a alguma instância administrativa ou a algum homem público. Destacamos, por exemplo, a crônica sobre os uniformes, em que o jornalista cita o prefeito da cidade:

Todos esses acontecimentos, como não poderia deixar de ser, impressionaram, vivamente, o meu amigo Martim Aranha que, à frente do Executivo Municipal, está pagando, a vista, os seus mais caros pecados. Segundo se divulga, está ele disposto a agir, com energia, sem meias medidas: ou a firma fornecedora espicha os uniformes ou trata de encolher, também, o atual conteúdo dos mesmos (BERGMANN, 4 dez. 1955, p. 25).

Impregnada de alusões ao factual, essa crônica está situada em um período de

forte instabilidade no contexto da administração municipal. Aranha, destacado como figura que mantém laços de afeto com o narrador-cronista, foi o quarto prefeito a assumir o cargo por um curto período de tempo após a saída de Ildo Meneghetti em julho de 1954.¹⁰ Na época da publicação desse texto, ele cumpria o segundo mês de mandato, o que talvez explique, em parte, as dificuldades pelas quais passava, conforme aludido pelo cronista.

Ganchos: cercamento contextual das crônicas

Com a anotação dos *ganchos*, percebemos que as crônicas guardam uma proximidade com o factual, que ora está bem marcado no texto – e é o centro da narrativa –, ora está diluído entre outros acontecimentos. Para nos certificarmos dessas relações, realizamos a checagem de todas as notícias veiculadas nas edições do *Correio do Povo* anteriores e posteriores à publicação de cada uma das colunas aqui apresentadas. É o caso da crônica sobre o clássico Grenal, na primeira semana de dezembro de 1957, que é a temática primeira do texto. “A semana que passou, embora custasse, foi inteiramente dedicada ao football” (BERGMANN, 1 dez. 1957, p. 25), inicia Jotabê. Em outro caso, quando enfileira as lembranças sobre “os bons tempos”, o jornalista trata de hábitos e locais de seu passado que lhe provocam saudade e, ao narrá-los, cita, em texto de junho de 1956, acontecimentos do seu dia a dia atual, como a falta de leite pelo qual passava Porto Alegre à época e que era notícia nos jornais.

Mas, de repente, surpreendi-me evocando “aqueles bons tempos”. Vocês se lembram da Exposição Farroupilha, e do Café Colombo, com amendoim torrado e com música, a qual só depois eu vim saber que era do Paulo Coelho, mas aí já era tarde, da inauguração do Imperial, do bife do Suíça, das festinhas de 15 anos, todas familiares e severamente policiadas pelas mães vigilantes, e sem crônica social, do bonde da meia-noite e cinco, da velha Difusora com a Hora do Ouvinte e com o Solar dos Alvarenga, quando novela radiofônica ainda nem era praga, da rodinha de pôquer, dos 300 mil réis por mês? Vocês se lembram do leite? (BERGMANN, 17 jun. 1956, p. 26).

Temos, assim, ainda que de modo mais ou menos marcado, a presença dos acontecimentos noticiados nas narrativas de Jotabê. Cumpre-se, assim, a função da crônica de alargar a percepção dos fatos vividos (SÁ, 1997), sem abrir mão da leveza a qual o texto cronístico também se propõe:

¹⁰ Após a saída de Meneghetti, assumiram o comando do poder executivo municipal, interinamente, Lindolfo Bohel (de julho a setembro de 1954), Manoel da Rosa (de setembro de 1954 a janeiro de 1955), Manuel Vargas (de janeiro a outubro de 1955) e Martim Aranha (de outubro de 1955 a janeiro de 1956). O prefeito eleito na sequência foi Leonel Brizola, que ocupou o cargo até 1958.

Humor como recurso para falar do cotidiano

O humor é uma das principais características do cronista e desempenha funções importantes na construção das narrativas. Segundo Propp (1992), a *comicidade das diferenças* compreende casos em que as diferenças e as transgressões, sejam de características físicas ou mesmo da ordem pública, adquirem a função de provocar o riso. Esse é um dos recursos mais utilizados por Jotabê, em especial quando faz críticas ao poder público municipal. Outro mecanismo utilizado em seus textos é a hiperbolização satírica. Ao contrário da caricatura, que exagera um pormenor, a hipérbole exagera o todo e ressalta, principalmente, as características negativas. O uso constante do exagero e do absurdo por Jotabê em suas narrativas enquadra-se nesse segmento.

Como exemplos, podemos citar a crônica em que o escritor narra os problemas cômicos pelos quais teriam passado alguns servidores municipais devido à baixa qualidade de seus uniformes. Temos, nesse texto, um rompimento da ordem pública (uniformes de qualidade ruim) e um exagero desse mesmo problema.

O uniforme de um servente de tamanho médio, por exemplo, encolheu tanto que foi, imediatamente, classificado como roupinha para criança de 4 a 5 anos. Um contínuo do Gabinete do Prefeito que conseguira, com o auxílio de diversos vizinhos, meter-se dentro das sobras de seu fardamento sofreu, logo após a refeição, a perda violenta de vários botões da zona abdominal, um dos quais, quebrando a vidraça da sala da frente, foi atingir a cabeça de um pobre transeunte que passava inadvertidamente pelo local, abotoando-o ali mesmo (BERGMANN, 4 dez. 1955, p. 25).

Percebemos, também, a presença significativa da *paródia*, demarcada principalmente pela evocação de sentenças típicas da escrita jornalística. É comum a presença de expressões como “conforme fontes noticiosas”, “conforme consegui apurar, através de um inquérito de opinião pública”, “de acordo com informações colhidas no serviço de estatística do Departamento Estadual de Saúde”, que antecedem o relato de cenas cômicas ficcionalizadas pelo cronista.

A *ironia*, outro recurso que anotamos nos textos de Jotabê, manifesta-se normalmente quando o cronista insere no texto, sutilmente, referências a outros acontecimentos que estavam em voga naquele momento e que possivelmente eram familiares ao leitor. Trata-se de uma sátira que se constrói a partir da relação cronista-leitor, em que o escritor tem conhecimento sobre a reputação de alguns acontecimentos

junto à opinião pública e o utiliza na elaboração de seu texto. Uma ocorrência desse tipo é a crônica de novembro de 1955, em que Jotabê, ao narrar o caso do macaco que provocou uma aglomeração de pessoas na Praça da Alfândega, faz uma referência crítica à decretação do Estado de Sítio em território nacional, determinação que proibia o ajuntamento de pessoas em locais públicos e que durou de 24 de novembro de 1955 a janeiro de 1956.

A esta altura dos acontecimentos, percebeu-se, claramente, que o sítio estava, apenas, tentando ganhar tempo, à espera da decretação do estado de sítio para, valendo-se da supressão do direito de reunião, denunciar-nos, a todos, por estarmos ali reunidos ilegalmente, com grande perigo para a paz, o sossego e a paz do regime (BERGMANN, 27 nov. 1955, p. 25).

Era por meio de recursos como a ironia, o absurdo e a hiperbolização que ele reunia, em um mesmo texto, acontecimentos distintos. Assim, o humor funcionava como importante ferramenta para auxiliá-lo no cumprimento de uma das principais funções da crônica, a expansão da referencialidade jornalística. Desse modo, criam-se novas formas de se relatar os fatos e as relações entre eles. Além disso, o uso do humor também funciona como marca autoral. Essa tessitura própria na maneira de narrar, somada a recursos como o exagero e o absurdo, confere à escrita de Bergmann um estilo próprio, diferenciando-o dos demais.

Voz pessoal na aproximação e no distanciamento

Notamos nas seis crônicas analisadas variantes do posicionamento pronominal do cronista. Transitando entre o “eu”, o “nós” e o “eles”, às vezes em uma mesma narrativa, Jotabê ora se aproximava, ora se afastava daquilo sobre o que falava. Em todas essas diferentes formas de posicionar-se, entretanto, o jornalista demonstrava conhecimento sobre aquilo que relatava, ainda que adotasse certo distanciamento.

Destacamos, todavia, um emprego sistemático do pronome “nós” em seus textos. Em geral, esse uso aparecia associado à cidade, como em “nossa Porto injustificavelmente Alegre”, no texto sobre os uniformes, em que relatou os problemas administrativos da capital, e “Porto Alegre é, ainda, em janeiro, nossa melhor estação de veraneio”, na crônica sobre o esvaziamento da cidade no verão. Temos, nesses casos, um narrador próximo às rotinas e aos problemas da cidade, assim como de seu leitor, numa demonstração de pertencimento, testemunho e cumplicidade.

Havia também, com certa frequência, uma posição inquiridora do cronista em

relação aos problemas que apresentava. Citamos, como exemplo, o texto sobre os problemas de circulação na cidade, que incluem a falta de uma atuação mais efetiva dos agentes de trânsito, excesso de benefícios para os vereadores, como vagas especiais de estacionamento, além da falta de bom senso de motoristas e pedestres, em geral.

Outra providência, a nosso ver inadiável, para a completa normalização do tráfego, em Porto Alegre, é a de aumentar o número de agentes de trânsito encarregados de cuidar para que ninguém do povo estacione nos “privativos” dos senhores vereadores da Vereança Municipal, ao lado do edifício da Prefeitura. Há dois dias que essa tarefa está entregue apenas a dois guardas, os quais, muitas vezes, não têm, sequer, tempo para conversar direito (BERGMANN, 1964, p. 81).

O cronista parece ter para si a função de, como nos diz Pereira, não apenas “anunciar ‘as novidades da semana’, mas analisá-las de forma crítica para que o leitor possa dominar os seus contornos” (PEREIRA, 2004, p. 105), valendo-se, para isso, de recursos humorísticos.

Considerações finais

A partir do apontamento dos principais elementos da escrita de Jotabê presentes em seis crônicas que tratam de Porto Alegre, acreditamos que sua perspectiva privilegia a visão da capital a partir dos conflitos e das rupturas de um território em expansão, ecoando as transformações vividas pela cidade na década de 1950. Também percebemos, na sua escrita periódica, a demarcação dos hábitos sazonais, além dos problemas administrativos da burocracia cidadina.

Jotabê tecia seu olhar sobre essa *grande cidade*, transitando entre aquilo que parecia ser consenso e estranhamento. Em alguns textos, ao naturalizar os ritmos da urbe, pontuava o calor excessivo e o trânsito caótico com ar crítico e irônico, mas tratando os dois casos como algo banal. Em outros momentos, assumia um discurso de inconformidade às mudanças e ao novo tempo, como percebemos na crônica em que rememora a cidade pela lente do passado. Em tom de lamento, fala da cordialidade nos bondes, das festas sem colonismo social e dos cinemas de calçadas sem filas.

Associado a essa visão que enxerga o presente como ruptura de uma ordem, contudo, estava o humor, irônico e exagerado, que atenuava os juízos negativos feitos a respeito da cidade. As manifestações críticas do cronista vinham acompanhadas pelos recursos da hipérbole, paródia e ironia, o que tornava o texto mais leve. Concretiza-se, assim, aquilo que a crônica promete quando exercita a crítica e a reflexão no zigue-

zague de uma conversa fiada.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

A CIDADE perdeu seu cronista. Morreu João Bergman (Jotabê). **Folha da Tarde**. Porto Alegre, p. 6, 13 jul. 1960.

APROVADO voto de pesar pelo falecimento nesta capital do jornalista João Bergmann. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 14 jul. 1960.

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: **Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 51-56.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERGMANN, João. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, p. 79-82, 27 nov. 1955.

_____. **Folha da Tarde**. Porto Alegre, p. 25, 4 dez. 1955.

_____. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, p. 25, 29 jan. 1956.

_____. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, p. 26, 17 jun. 1956.

_____. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, p. 25, 1 dez. 1957.

_____. **Crônicas de Jotabê**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1964.

_____. **Cacareco, o mais votado**. Porto Alegre: Tchê!, 1985.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: **Para gostar de ler: crônicas**. V. 5. São Paulo: Atica, 2003, p. 89-99.

FERRARETTO, Luiz Artur. De *O Solar dos Alvarengas* e *Em Busca da Felicidade* à radionovela diária. 2013. In: **Uma história do rádio no Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://www.radionors.jor.br/2013/07/de-o-solar-dos-alvarengas-e-em-busca-da-felicidade-a-radionovela-diaria.html>>. Acesso em: 4 abr. 2015.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MOGENDORFF, Janine Regina. A cidade ofertada pelo jornalismo cultural: Análise da coluna Seleção da semana de O Estado de S. Paulo (abril-setembro de 2012). 2013. 148 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/77927>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

PARK, Robert. **A cidade: sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano**. In: VELHO, Guilherme Otávio. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p. 26-67.



PEREIRA, Wellington. **Crônica**: a arte do útil e do fútil: ensaio sobre a crônica no jornalismo impresso. Salvador: Calandra, 2004.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

SANSEVERINO, Antônio. Entre o arcaico e o moderno: a crônica de Machado e João do Rio. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v.1, n. 2, p. 35 – 54, 2002. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/79>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

SANTOS, Jeana Laura da Cunha. Narrativas na cidade: do flâneur anônimo ao jornalista das massas. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 14., Santa Cruz do Sul, 2013. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação-Intercom. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R35-1036-1.pdf>>. Acesso em: 4 abr. 2015.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SOUZA, Célia Ferraz de; MULLER, Dóris. Porto Alegre e sua evolução urbana. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2007.

Submetido em 04.04.2016

Aceito em 29.10.2017

